



DIDÁTICA E TÉCNICAS DE ENSINO

SUMÁRIO

1-	CONCEITOS PEDAGÓGICOS	3
2-	CONTEXTO HISTÓRICO DA DIDÁTICA	15
3-	DIDÁTICA NO BRASIL	24
4-	A NOVA ESCOLA: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	28
5-	DIDÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	32
6-	O CONSTRUTIVISMO	37
7-	A PEDAGOGIA WALDORF	44

REFERÊNCIAS

1- CONCEITOS PEDAGÓGICOS

A comunicação é uma atividade educativa que envolve troca de experiências entre pessoas de gerações diferentes, evitando-se assim que grupos sociais retornem ao primitivismo.

Entre os que se comunicam, há uma transmissão de ensinamentos, onde modifica-se a disposição mental das partes envolvidas.

Pedagogicamente, é essencial que a educação faça parte de uma comunidade, para que os jovens adaptem-se à vida social, sem que cometam erros do passado.

ALGUNS CONCEITOS PEDAGÓGICOS

Aulas teóricas – aulas ministradas com a utilização de mais de 50% do tempo dedicado a exposição de conteúdos, debates, palestras, seminários etc.

Espaço pedagógico – espaço utilizado pelo professor para ministrar as aulas. Pode ser sala de aula, auditório, laboratórios, etc;

Necessidades curriculares do curso – conhecimentos (habilidades e competências) exigidos pelas disciplinas do curso;

Periódicos científicos – jornais e revistas elaborados para divulgação de conhecimentos científicos produzidos nas instituições de ensino;

Trabalho docente X currículo – relação entre todas as ações do professor para promover a aprendizagem e desenvolvimento das disciplinas que formam o currículo do curso;

Procedimentos de ensino – todas as atividades pedagógicas que objetivam o desenvolvimento da aprendizagem (a forma como o professor

ministra as aulas, tipos de instrumentos de avaliação etc);

Técnicas de ensino – técnicas utilizadas pelo professor para ministrar as aulas: atividades em grupo, atividades individuais, aulas expositivas, debates, seminários etc;

Conhecimento de ações comunitárias – projetos sociais que beneficiam a comunidade, orientados pela Coordenação de Extensão e coordenadores de curso da instituição;

Plano de ensino – planejamento do professor para desenvolver a disciplina, detalhamento das intenções de aprendizagem, das estratégias de aprendizagem e dos processos avaliativos;

Plano de aula – planejamento do professor para desenvolver uma aula, detalhamento das intenções de aprendizagem, das estratégias de aprendizagem e dos processos avaliativos;

Programa da disciplina - mapa da disciplina com: nome da disciplina, nome do professor carga horária; definição (teórica ou prática); objetivos; ementa; estratégias e técnicas de ensino; instrumento de avaliação; metodologia e bibliografia;

Ementa da disciplina – é uma descrição discursiva que resume o conteúdo conceitual ou conceitual/procedimental de uma disciplina;

Iniciação científica – atividades que objetivam o desenvolvimento de conhecimentos produzidos cientificamente através da vivência de projetos orientados por um professor;

Extensão – é um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa, de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade;

Competências – conjunto de habilidades construídas pelo estudante durante o desenvolvimento de uma disciplina;

Ações multi, pluri e interdisciplinares – ações que envolvem mais de uma disciplina, que exigem a aplicação do conhecimento apreendido por várias disciplinas.

CLARIFICAÇÃO DOS CONCEITOS PEDAGÓGICOS

Há bastantes conceitos sobre educação que têm sido deturpados no seu significado e que é fundamental que sejam de novo convenientemente definidos, pois que são eles o alicerce de qualquer política educacional que se pretenda verdadeiramente honesta e eficaz.

A – O objetivo da Educação

- Segundo a Constituição da República Portuguesa (Artº 73º, ponto 2.) a Educação corresponde ao “desenvolvimento equilibrado da personalidade” e não apenas a um mero ensino-aprendizagem de conhecimentos, processado numa escola. O objeto da educação é a pessoa (o seu desenvolvimento, saúde e felicidade) e não as “matérias” escolares (Gramática, Matemática, Ciências).

A personalidade é a pessoa no seu todo bio-psico-socio-espiritual, logo o sistema escolar terá que ter como objetivos este desenvolvimento, correspondendo as áreas curriculares àquelas dimensões: *Área biológica* (Educação para a Saúde, Primeiros Socorros, Prevenção de Acidentes, Desportos, etc.); *Área psicológica* (Emoções/Artes, Raciocínio/Matemática, Cognição/Letras, Ciências e Tecnologias), *Área social* (Educação em Valores, Intervenção Cívica/Solidariedade Social/Voluntariado) e *Área espiritual* (Amor ao Próximo, Caridade, Fraternidade, Solidariedade, Altruísmo, Compaixão, Temperança, Honra, Honestidade, Veracidade, Modéstia).

O termo *“equilibrado”* significa a necessidade de se empregarem metodologias que considerem a pessoa (*puerocentrismo*) e não as que porventura provoquem desequilíbrios (Magistercentrismo, Didatismo, Autoritarismo, Classificações-Exclusões-Eliminações). O oposto, o desequilíbrio da personalidade é a doença mental.

O fato daquela frase da Constituição estar no singular e não no plural, é porque se considera que cada pessoa tem a sua personalidade individual, única e característica, diferente de todas as outras, devendo por isso haver uma *Educação Individualizada* e não coletiva, igual para todos, considerando todos iguais, massificadora, com programas oficiais e obrigatórios.

Uma educação objetivada para o desenvolvimento da personalidade e não apenas para os ensinamentos.

Uma educação do indivíduo e não do coletivo dos indivíduos.

Uma educação individualizada, personalizada e não coletivizada

B – A quem compete a educação?

- A Constituição da República Portuguesa considera os pais e a família como o principal fator educacional, confirmando legalmente os seus deveres naturais de orientação da educação dos filhos, competindo ao Estado a prestação de toda a ajuda nesse sentido:

"- Os pais têm o direito e o dever de educação e manutenção dos seus filhos" (Artº. 36º, 5.);

"- Incumbe, designadamente, ao Estado para proteção da família... Cooperar com os pais na educação dos filhos;" (Artº. 68º, 1.);

"- Os pais e as mães têm direito à proteção da sociedade e do Estado na realização da sua insubstituível ação em relação aos filhos, nomeadamente quanto à sua educação..." (Artº. 68º, 1.).

Sendo *"... garantida a liberdade de aprender e ensinar..." (Artº. 43º, 1.).*

**Um Ministério da “Educação” não pode, portanto,
deixar para outro as questões da Família.**

Os mais profundos e fortes alicerces da formação da pessoa sucedem no seio da sua família, sendo indispensáveis as relações recíprocas de amor maternal-filial, paternal-filial e fraternal (qualquer deficiência nesta constelação sentimental causa problemas de natureza psicopatológica; quanto mais profundos forem estes laços de amor maior será o equilíbrio e a intelectualidade da pessoa).

Ao Estado compete apoiar a família nesta sua nobre missão:

- *Não concebendo as pessoas ao serviço da economia, mas ao serviço do amor da sua família. O emprego e o ordenado, não são para aumentar a riqueza do país, mas para poder dar melhores condições de vida à sua família, criar um maior clima de amor.*

- *Os impostos são pagos para que o Estado assegure que as famílias possam usufruir de serviços de elevada qualidade na segurança social (pensões e reformas), apoio médico (hospital, medicamentos), defesa contra violências (polícia, forças armadas), dignidade (elevado respeito nas condições sociais) e escolarização*

(programas eficazes e professores competentes). Tudo isto é Educação que compete ao Estado.

À Escola compete:

- Abolir a ideia de que a escola serve formar trabalhadores para o mercado de trabalho;

- Assegurar que a Educação tem por objetivo a formação da personalidade da pessoa, para que tenha saúde, equilíbrio psicológico, adequação social e elevados padrões morais.

- Ajudar a família nesta Educação, devendo por isso haver uma íntima relação família-escola, para que tal se realize;

- Garantir a consonância entre os valores da família e os da sociedade (não podem haver valores divergentes);

- Os graus de escolaridade, currículos e programas escolares, *não têm um fim em si*, pois que são apenas elementos transacionais da Educação (apenas meia dúzia grãos de areia na imensa praia que é a educação), que pretendem ajudar na adequação da pessoa à sociedade.

C – Quais as funções do estado na educação?

- “*Todos têm direito à Educação...*” (Artº 73º, ponto1.), ou seja, têm o dever de ser bem-educados e o direito de ser tratados com boa educação (gentileza, delicadeza), no processo do auto-desenvolvimento da sua personalidade.

- Incumbe ao Estado um “ensino básico é universal, obrigatório e gratuito” (Artº 74º, ponto 2, alínea a)) e “Estabelecer progressivamente a gratuitidade de todos os graus de ensino” (Artº 74º, ponto 2, alínea e)).

O Estado Português paga aos portugueses, portanto, a escolaridade *apenas até ao fim do ensino básico*.

Destas disposições infere-se que os estrangeiros *não terão este direito* (devendo pagar a sua escolarização, como de fato tal sucede há muito: Lycée Charles Lepierre, St. Julian School, Cambridge School, Deutsche Schule, Goethe Institut, Escola Aga Khan, etc.).

Dentro desta perspetiva insere-se a confirmação da liberdade de escolha educacional (Artº. 43º, 2.), que limita o âmbito da intervenção do Estado na organização educativa do país: “- O Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas”.

Ou seja, cada escola terá inteira liberdade para desenvolver a sua atividade pedagógica dentro dos princípios filosóficos e culturais que ache por bem (compete ao Estado verificar e garantir a eficácia e honorabilidade dessa pedagogia).

D - Educação e Ensino

- A Constituição mostra claramente que não confunde "Educação" com "Ensino", ao atribuir para cada uma um artigo diferente: o Artº. 73º refere-se à "*Educação, Cultura e Ciência*" e o Artº. 74º aborda o "*Ensino*".

Educar é algo muito lato, compreendendo a *delicadeza nas relações inter-pessoais* e a *auto-formação holística da pessoa*, ou seja, os Valores Humanos e a Personalidade.

Ensinar restringe-se à *transmissão de conhecimentos*.

Os conhecimentos também interessam na formação da pessoa, mas esta não se reduz a isso. O ensino faz parte da educação, mas como *um grão de areia* numa praia que é a personalidade, correspondendo a restante areia às outras necessidades da pessoa.

A Educação é individual e única. Cada pessoa tem a sua personalidade própria, diferente da de todas as outras pessoas, cada uma com as suas próprias vias e ritmos de desenvolvimento, únicos e exclusivos. *O Ensino é geralmente coletivo,*

ensinando o professor os mesmos conhecimentos a turmas de vários alunos, cada um com a sua personalidade distinta.

A Educação é uma ação intrínseca e natural. O desenvolvimento da personalidade efetua-se autonomamente, de modo inconsciente e sem qualquer intenção deliberada. O Ensino é uma ação externa, deliberadamente efetuada por outra pessoa (professor). Educação é brotar, sair de dentro para fora. Ensinar é o oposto, meter algo de fora para dentro.

Interessa a Formação do Ser e não apenas a Transmissão do Saber.

A Educação tem por objetivo o desenvolvimento da personalidade e o Ensino fica pela pretensão de transmitir conhecimentos. *Ensinar não é eficaz. Se o professor ensina, porque é que os alunos não aprendem? Não é possível ensinar capacidades nem competências, nem experiência, só conceitos e teorias.*

Educar é criar as condições adequadas, estimular, encorajar, ajudar, apoiar, incentivar e motivar o aluno no auto-desenvolvimento de todas as suas capacidades, potencialidades e competências.

Neuropsicologicamente, *não há Aprendizagens, mas Memorizações!*

E – Cientificidade e Investigação

Toda a ação educativa deverá ser baseada em *rigorosos estudos de investigação científica*. Estes estudos levarão a *novas e constantes renovações de currículos, de programas e de tecnologias educativas*.

F - Metodologias Ativas

É a *ação, a prática, a experiência e o ensaio-e-erro* que promovem a auto-formação (e não as metodologias passivas de ensino-aprendizagem). *A experiência não se ensina, adquire-se pela prática.* É a atividade (e não o ensino) que proporciona as reestruturações ribossômicas, o aumento das sinapses, da produção da acetilcolina, dos neuropéptidos e motivam outras transformações neurológicas que correspondem ao que vulgarmente se designa (erradamente) por “aprendizagens”.

As metodologias ativas, promovem a *liberdade, a espontaneidade, a autonomia, a criatividade e a livre iniciativa* (as de ensino-aprendizagem promovem a passividade, a inibição, a falta de iniciativa e inibem as capacidades inventivas e criativas).

Prática pedagógica *não-diretiva, não-dirigista, não-autoritária* (dirigismo e autoritarismo são agressivos, geram antagonismo e provocam a oposição na execução do que é imposto). Sugerir em vez de mandar, pedir em vez de ordenar, elogiar qualquer esforço positivo em vez de humilhar perante qualquer falha, denodo e persistência em vez de “laissez faire”, trabalho e responsabilidade em vez de passividade.

Prática pedagógica *diversificada, não-coletivista mas personalizada*. Perante a lei todos podem ser iguais, mas na realidade todas as pessoas são diferentes, altos,

baixos, gordos, magros, com personalidade própria, indivíduos únicos, cada um diferente de todos os outros; é na diversidade que está a qualidade.

G – Progressivismo em vez de perenismo

Tudo evolui, tudo se transforma, o progresso é devido à constante e dinâmica evolução da pessoa, da cultura, da sociedade e da tecnologia. Um ministério da Educação não pode por isso permanecer amarrado a noções e procedimentos do passado, a programas que perduram anos, nem a métodos arcaicos.

Há a necessidade de, através da investigação científica, se criarem novos métodos e procedimentos pedagógicos que permitam que todo o processo educacional esteja sempre na vanguarda do progresso.

H – Puerocentrismo em vez de magistercentrismo

Terminar de vez com um sistema educacional de cúpula, centrado na burocracia ministerial e na ditadura dos normativos, dos programas e das avaliações, oficiais, impostos pela força de lei.

O centro da educação é a criança e não o ministro, os funcionários de secretaria ou os professores. Estes existem para servir aquela e não o contrário. É o desenvolvimento da personalidade, a felicidade e o bem-estar dos alunos que deverão ser o objetivo de todo o trabalho daqueles.

I - Educação Inclusiva

Uma educação que seja acolhedora e solidária, agradável, em que todos são amigos e merecedores de igual consideração (não se marginalizam deficientes, não há xenofobia, nem melhores nem piores).

Não haverá, por isso, notas classificativas, pautas públicas, nem quaisquer comparações, depreciações ou humilhações. Cada aluno terá o direito a uma intervenção educativa individualizada, personalizada e devidamente adequada a todas as suas especificidades e necessidades. A escola, os programas, as metodologias e os professores estão ao serviço de cada aluno e jamais estes ao serviço de quaisquer programas e procedimentos com outra intensão que não seja o do equilibrado desenvolvimento da sua personalidade.

Não há programas universais, oficiais, impostos por decreto, *mas programas educacionais específicos, para cada aluno, feitos pelo respetivo professor, em função das suas necessidades específicas* (ao Ministério da Educação compete inspecionar e verificar a eficácia destas programações individualizadas).

2- CONTEXTO HISTÓRICO DA DIDÁTICA

Em outros termos, os "ensinos" são compostos com base na estrutura global das ciências e da filosofia; e a arte de ensinar relaciona-se com normas e métodos extraídos das idéias de harmonia entre a fé, a natureza e as línguas. (HOFF, S. 2007, p.147)

Constata-se que a delimitação da Didática, e a determinação de suas duas partes, constituíram a primeira tentativa que se conhece de agrupar os conhecimentos didáticos. Dessa forma se lhe atribui uma situação superior à da mera prática costumeira, do uso ou do mito. Portanto, a Didática surge graças às ações desses dois grandes didatas: Ratke e Comênio. Como fato interessante, ambos didatas são provenientes da Europa Central, Alemanha e República Tcheca, países onde se estava desenvolvendo todo um processo de Reforma Protestante.

A palavra "didática" se encontra inserida ou associada a uma expressão grega τεχνική διδακτική (techné didaktiké), que se traduz por técnica de ensinar. É interessante conhecer que desde uma perspectiva etimológica a palavra "διδακτική", na sua língua de origem, destacava a realização lenta de um acionar através do tempo, própria do processo de instruir. O vocábulo didático aparece quando os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens através da direção deliberada e planejada do ensino, levando a formação da teoria didática do ensinamento. Então, não ficam dúvidas nenhuma, que Didática não é associada à palavra educação e sim ao termo ensino, desde suas origens.

Como já se mencionou, **Didática Magna** de Comênio (1592-1670) deu início ao novo campo do saber humano. Nesse século XVII, com o trabalho de Comênio, a Didática começa de forma sistematizada os estudos e pesquisas procurando formas específicas de ensinar, que obtenham melhores resultados. Por isso, ele mesmo desenvolveu métodos que se sustentavam na finalidade da educação do homem para busca da felicidade, a partir da sua natureza. Pode-se observar que, desde o início mesmo o ensino deve ter uma finalidade educativa, o que não quer dizer que é a educação em si.

Para ele, o processo de conhecimento deve ser adquirido a partir da observação das coisas e dos fenômenos. Sobre este aspecto da relação entre ensino e educação, Castro (2008, p.16) enfatiza que:

Tem-se notícias de experiências educacionais realizadas conforme os princípios expostos, embora nem todas tivessem tido sucesso. Não existem fronteiras, na obra do século XVII, entre Educação e Ensino, pois o objeto da Didática abrange o ensino de conhecimentos, atitudes e sentimentos.

Desde o início, é claro e delimitado o objeto de estudo da didática: o ensino. A grande problemática surge a partir de o ensino ser considerado um mero campo da educação; aspecto este que interfere no melhor desempenho do ensino e no sucesso da educação. Ensinar educando é uma questão base para sustentar uma ideologia educacionista, que se complementa com a idéia de Educar, não só ensinando.

Essa questão de educação e de ensino, e sua necessária distinção geram muitos posicionamentos, que vão além das simples distinções de termos. Isso implica toda uma história ideo-política vivida no século XX. Estas últimas idéias ajudam a delimitar a origem da Didática como ciência autônoma. Quiçá, é por isso, que a Didática alcança sua verdadeira autonomia, como ciência particular, só a mediados do Século XX. Anteriormente, era considerada uma disciplina técnica da Pedagogia. Mas, o que aconteceu desde o século XVII, com os primeiros estudos propriamente didáticos, até o surgimento de uma nova ciência no século XX?

Evolução histórica da didática

A evolução da didática, a partir dos trabalhos de Ratke e Comênio, foi lenta, se comparada com outras ciências. Uma causa fundamental, já foi mencionada, era que os estudos sempre focalizavam, indistintamente, instrução, ensino e educação como se fossem fenômenos de uma mesma essência.

Assim, a Pedagogia foi ganhando forças como ciência particular, se separando aos poucos da filosofia e da teologia, e deixando a didática como uma simples disciplina técnica. Foi, por isso que as histórias da Pedagogia e da Didática se misturam no tempo. Quando se estuda a História da Filosofia e da Teologia, necessariamente se faz referências a pedagogos. Quando se estuda a História da Pedagogia se refere a

Teólogos e Filósofos, entre outros. Algo similar acontece, quando contamos a História da Didática.

No século XVIII, Jean Jacques Rousseau propôs uma concepção de ensino baseada em um novo conceito de infância. Depois de Ratke e Comênio, Rousseau foi o outro grande didata que surgiu. Por ser, também, um grande pedagogo, ajudou a revolucionar a Didática. Não se pode considerar um sistematizador do ensino, mas sua obra dá origem, de modo marcante, a um novo conceito de infância e sua relação direta com o ensino.

A prática das idéias de Rousseau foi empreendida, entre outros, por Henrique Pestalozzi, que em seus escritos e atuação dá dimensões sociais à problemática educacional. O aspecto metódico da Didática encontra-se, sobretudo, em princípios, e não em regras, transportando-se o foco de atenção às condições para o desenvolvimento harmônico do discente. Rousseau considerava que a valorização da infância está carregada de conseqüências para a pesquisa e a ação didática.

No século XIX, João Frederico Herbart destaca-se no plano didático por defender a idéia da "educação pela instrução". Como didata estabeleceu quatro passos didáticos, que são essências no processo de ensino, ainda hoje. Naturalmente que já sofreram variações e aperfeiçoamento, mas a essência é a mesma desde seu descobrimento. O primeiro passo é a apresentação da matéria nova. O segundo passo é a associação entre as idéias antigas e as novas; o terceiro, a sistematização do conhecimento com vista à generalização; e o último a aplicação do conhecimento.

Para alguns estudiosos, Herbart é o pai da Pedagogia; pois teve por mérito torná-la, Segundo Castro (2008, p. 17) "o ponto central de um círculo de investigação própria". Não obstante, contribuiu, e muito, com o desenvolvimento teórico da Didática.

No século XX, por ser o século onde surge a Didática como ciência autônoma, tem muitos didatas que se destacaram no desenvolvimento do ensino. Do ensino, visto como isso, como conceito de objeto de estudo da didática e não como um simples articular dos professores com estudantes ou alunos. Nesse século XX, muitos se autodenominaram especialistas ou cientistas do currículo. São aqueles que

defendem o Desenho Curricular como uma ciência independente da Didática, senão fosse pelo fato que não existe ensino sem uma concepção do desenho curricular. É ilógico pensar no surgimento de uma nova ciência a partir do mesmo objeto de estudo.

Outro grande didata foi o norte-americano John Dewey (1859 - 1952). Foi como a maioria, muito mais pedagogo que didata, não obstante, foi um destacado representante de uma das tendências do pragmatismo didático. Na didática, sua maior contribuição está no ensino laboral e a relação do ensino com a vida

Resumindo essa evolução, se destacam em ordem cronológica:

- **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778) foi um pensador que procurou interpretar essas aspirações, propondo uma concepção nova do ensino, baseado nas necessidades e interesses imediatos da criança.
- **Henrique Pestalozzi** (1746-1827) deu grande importância ao ensino como meio de educação e desenvolvimento das capacidades humanas.
- **Johann Friedrich Herbart** (1766-1841) pedagogo alemão com grande influência e relevância na didática e na prática docente. Para ele, o fim da educação é a moralidade. A instrução é introduzir idéias corretas na mente do homem.
- **A. Diesterweg (1790-1866)** didata alemão que trabalhou sobre o desenvolvimento do professor.
- **John Dewey** (1859 - 1952) foi um destacado representante de uma das tendências do pragmatismo didático. Na didática, sua maior contribuição está no ensino laboral e a relação do ensino com a vida.

Contemporaneidade

Já no final do século XX, a Didática passou por muitos questionamentos: era disciplina técnica de outra ciência? Era mesmo ciência? Quais seriam seus métodos de pesquisa? Algo parecido, também tinha acontecido, anteriormente, com a Biologia, a Física, a Química, e outras ciências antes do século XIX. Não era uma questão só da Didática.

O grande problema da Didática, ainda até hoje, é estabelecer para a comunidade científica uma base teórica comum, independente de culturas, com uma única terminologia, para evitar ambigüidades. Os erros de tradução de um idioma para o outro, quando essas traduções são feitas por pessoas que sabem o idioma, mas não tem um preparo científico nessa área e muitas vezes fazem traduções compressíveis ao nível informal, mas com muita ambigüidade na linguagem científica. A tradução do inglês para o português poderia constituir um exemplo, dessa ambigüidade: "instruction" traduzido com ensino, em vez de instrução. "Teaching" traduzido como instrução. Por só mencionar poucos exemplos.

Outro problema não só da Didática, mas da Pedagogia, é redimensionar as categorias, as leis e os princípios partindo de suas verdadeiras essências e não através da imposição de critérios volitivos sem fundamentação científica da realidade. Este é o caso da falsa unidade dialética entre ensino e educação. Pois, erroneamente se quer estabelecer como um axioma que entre ensino e educação existe uma unidade dialética. Isso quer dizer que para que exista educação tem que existir ensino e para que exista ensino tem que existir educação. Ou dito de outra forma, não há ensino sem educação, nem educação sem ensino. Aqui, cabe perguntar-nós. Existe educação sem ensino? Existe ensino sem educação?

Você nunca conheceu alguma pessoa com alto grau de instrução como resultado do processo de ensino, com uma má ou péssima educação? Conheceu já alguém sem instrução alguma, com uma adequada educação? O ensino se concretiza através de instrução, treinamento e formação. Já o processo de educação implica convicção e valores como parte essencial da formação da personalidade do ser humano. O ensino instrui um sujeito, a educação forma o ser humano: sua personalidade. Se esta fazendo estas colocações, pois é aqui onde radica uns dos aspectos que fazem confundir Pedagogia e Didática e com isto o desenvolvimento das duas ciências.

Voltando ao assunto da origem, é a partir desse século XX, que começa o tratamento da Didática, como uma ciência particular. Depois de períodos de crises, a Didática dá um salto qualitativo no seu desenvolvimento. Como ciência particular, com autonomia científica, está neste momento do século XXI, dando esse salto significativo com grandes aportes à sociedade.

Claro que, como toda ciência, enriqueceu seus fundamentos, categorias, conceitos, leis, corolários e princípios a partir da contribuição de cientistas de outras áreas de conhecimento. Mas não existem dúvidas que a Didática já tem sua autonomia.

A Didática, como acontece com qualquer outra ciência social, reflete nas suas teorias as principais tendências, correntes e enfoques da época que se estuda, e como já foi colocado com a contribuição de outras ciências a fins. É por isso que em algum momento se evidencia, na base estrutural da fundamentação científica, enfoques psicológicos desde perspectivas de origem freudiana, correntes neomarxistas, enfoques humanistas, personológicos entre muitos outros pontos de vistas.

Segundo o Centro de Referência Educacional –CRE (2008) entre as décadas dos anos 20 ao 50, a Didática seguiu os postulados da Escola Nova. Essa forma de ensino buscava superar os postulados da Escola Tradicional, reformando assim, internamente, a escola. Nessa perspectiva, afirmava-se a necessidade de partir dos interesses espontâneos e naturais das crianças.

Do estudante passivo ante os conhecimentos a serem transmitidos pelo professor, passa-se ao "aprender fazendo", onde cada um se auto-educa ativamente em um processo natural, sustentado por meio dos interesses concretos dos participantes. A atenção às diferenças individuais e a utilização de jogos docente-educativos passam a ter um papel de destaque.

Segundo o CRE (2008), a partir dos anos 60 e 70 se acentuam as críticas a essas perspectivas didáticas. Seu efeito positivo foi a denúncia da falsa neutralidade pretendida pelo modelo tecnicista, revelando seus componentes político-sociais e econômicos. A perspectiva fundamental da prática docente é assumir, por um lado, a multifuncionalidade do processo de ensino e, por outro lado, a transdisciplinaridade.

Em uma etapa posterior, depois dos anos 80, última década do século XX e a primeira década deste século XXI, se passou de um enfoque humanista, sustentado desde a influência psicológica ao enfoque tecno-científico, centrado nos avanços da própria Didática como ciência autônoma. Naturalmente, que esses câmbios são

diferentes nos distintos países. Isso depende do grau de desenvolvimento desta ciência em cada país.

O Enfoque Humanista, centrado no processo interpessoal e da afetividade, dado pela forte presença de estudos psicológicos sobre educação, esta sendo substituído pelo Enfoque Tecno-científico que direciona o processo de ensino, como atividade dinâmico-participativa, como uma ação intencional, sistêmica, sistematizada que tenta organizar as condições objetivas e subjetivas que facilitem o processo de aprendizagem. Portanto, se começa um trabalho diferenciador entre os objetivos instrutivos e os objetivos educativos. Não se deve confundir este enfoque próprio da Didática, com um enfoque Pedagógico conhecido como Tecnicismo, que é outra coisa.

Para ir resumindo, se deve partir de algo inquestionável, de algo já axiomático por si: a Didática tem seu objeto de estudo, o ensino. Esse objeto de estudo tem um sistema de categorias gerais que estão inter-relacionadas entre si pelas leis gerais didáticas. Essas leis deram lugar aos princípios e corolários que suportam toda a estrutura base desta área do conhecimento humano. Tem seus próprios métodos de pesquisas que permitem a produção sistemática de conhecimentos científicos que enriquecem essa estrutura sistêmica. Portanto, a Didática é uma ciência autônoma e não se constitui em ramo ou em disciplina de outra em particular.

Diferente da Pedagogia que tem seu reconhecimento como ciência particular a partir do século XIX, a Didática em muitos países, ainda não é reconhecida como ciência autônoma. É considerada, erroneamente, uma disciplina técnica da Pedagogia, ou como ramo desta. Não obstante, felizmente, são muitas as comunidades científicas que a partir do século XX, deram luz verde à Didática como ciência particular. Este é um trabalho mancomunado desenvolvido por muitos. A diferença dos séculos precedentes que se tinha um didata como referencia numa época determinada, aqui seria muito mais factível mencionar alguns dos quais fazem a diferencia, como didatas. Aqueles nomes como Jose Carlos Libâneo, Selma Pimenta, Carlos Alvarez, Ulises Mestre, Homero Fuentes, entre muitos outros.

Paulo Freire merece comentário aparte. É sem dúvidas um dos maiores Pedagogo do século XX; mas como aconteceu em outras épocas, grandes Pedagogos se

converterem, também em grades didatas, ou porque não ao avesso, grandes didatas foram, também, grandes pedagogos.

Considerações finais e importância prática

A Pedagogia, ciência da Educação, nasce no século XIX e teve seu grande desenvolvimento no século XX. Já a Didática deveu esperar mais um século; surgiu no final do século XX. Talvez por isso, ainda neste século XXI, em alguns países, institucionalmente, não é considerada como tal. Daí, que a Didática não receba o apoio governamental, e seu desenvolvimento fica comprometido; só a expensas dos trabalhos e esforços individuais de cientistas didáticos, como o caso do destacado Jose Carlos Libâneo, e o caso de algumas instituições isoladas.

Por outro lado, é significativo ressaltar que a Didática, desde sua origem, não estabelece normas, diretrizes, ou quaisquer outras consideração ao ensino. Ela, como qualquer outra ciência particular, estuda e pesquisa o objeto dela, e dentro desse objeto, o campo de ação, que corresponde aos problemas científicos que solucionam através da atividade investigativa. Logo, o resultado divulgado como um novo conhecimento científico entrará no processo de interface, para converter esse novo saber, num produto ou serviço, norma ou diretriz que será aplicado na prática, através dos processos de introdução e generalização dos resultados científico-tecnológicos. Esses resultados na prática social provocarão uma inquestionável melhoria ao processo docente.

Reconhecer as diferenças entre educação e ensino, possibilitará fazer um melhor planejamento, e de fato, um melhor trabalho educativo, complementando os objetivos instrutivos das disciplinas com os objetivos educativos. É "lutar" para que o currículo seja concebido transdisciplinarmente. É propiciar no planejamento educacional e no planejamento didático, a possibilidade de ensinar educando e não só educar ensinando. Para isso, é preciso conhecer a história de cada ciência para não repetir os mesmos erros de antes.

Como já foi dito em algum outro trabalho nosso, e para concluir, não deve existir uma unidade forçada entre educação e ensino. Por isso Haydt, R (1997, p.12) expressa que "enquanto a educação pode se processar tanto de forma sistemática, como assistemática, o ensino é uma ação deliberada e organizada" Para que exista

educação no processo de ensino se deve desenhar um currículo que inclua os aspectos educativos desejados. Por isso, aspectos de cidadania, tais como etiqueta, educação ambiental, educação no trânsito, ética, moral, legislação, entre muitos outros, devem ser inseridos no processo docente, desde bem cedo na escola. Portanto, não existe uma unidade, como lei ou princípio, entre educação e ensino, e si uma "relação necessária" ao dizer de J. Araújo. (ARAUJO, J. 2002, p. 92). A história da Didática prova isto.

3- DIDÁTICA NO BRASIL

A história da Didática no Brasil revela que sua trajetória procurou atender às necessidades educacionais de cada época e contexto social. Inicialmente fundamentada de maneira prescritiva e instrumental trazendo teorias que mantivessem esse status e, posteriormente, com uma visão mais individualista que pudesse organizar e manter o saber sistematizado. O termo Didática foi instituído pelo teórico João Amós Comênius, na obra Didática Magna e significa a "A Arte de Ensinar". O termo foi se modificando ao longo dos tempos e, atualmente, refere-se a uma área importante da Pedagogia e trata de uma disciplina fundamental na formação de professores. Libâneo (1994, p. 25) a denomina como "teoria de ensino" porque a Didática investiga os fundamentos e as condições adequadas para essa atividade. Após muitos anos de domínio no campo educacional e em decorrência das mudanças sociais e econômicas em evidência, houve necessidade de romper a Didática com seu caráter prescritivo, instrumental e tentar sua remodelação para que houvesse uma evolução junto às mudanças ocorridas. Nesse contexto prevaleceu a ideia de criticar o que até então era aceito como certo e inviolável, e, nos últimos dois decênios do século XX, vários movimentos mobilizaram a sociedade na busca de soluções para seus conflitos econômicos, sociais e, também, educacionais. Desses movimentos resultaram produções científicas, debates e discussões em torno da Didática. Nos primeiros anos do século XXI houve um momento de ruptura, avanço, revisão de valores e busca de sustentabilidade para manter a qualidade de vida da produção em prol da sobrevivência humana. Nesse sentido, o conhecimento tornou-se o elo entre os meios de produção, as culturas e as necessidades econômicas, exigindo dos indivíduos uma formação de nível superior que atendesse a essas necessidades, mas que também soubesse utilizar o conhecimento de maneira adequada e criasse sinergia entre o velho e o novo, entre o que existia e o que precisava de avanço. Diante dessa necessidade de adequação entre o antigo e atual, é que este estudo teve como objetivo analisar a trajetória e a finalidade da Didática priorizando a necessidade de uma revisão crítica, a fim de

buscar sua melhoria e excelência necessárias para sustentar a atual formação docente no ensino superior.

O estudo utilizou como método a pesquisa bibliográfica junto às obras publicadas sobre o tema.

A HISTÓRIA DA DIDÁTICA NO BRASIL

Nos penúltimos decênios do século XX ocorreu um marco histórico para a Pedagogia no Brasil, quando teóricos engajados na discussão sobre o rumo da Educação e da Didática trataram da problematização do esvaziamento teóricopolítico da Didática nos cursos de formação de professores e da superação da Didática instrumental rumo à construção de uma Didática fundamental de acordo com Candau (1997). A autora ora citada tratou em outra obra sobre o rumo da nova Didática e afirmou:

A Didática passa por um momento de revisão crítica. Tem-se a consciência da necessidade de superar uma visão meramente instrumental e pretensamente neutra do seu cotidiano. Trata-se de um momento de perplexidade, de denúncia e anúncio, de busca de caminhos que têm de ser construídos através do trabalho conjunto dos profissionais da área com professores de 1o e 2o graus. E pensando a prática pedagógica concreta, articulada com a perspectiva de transformação social, que emergirá uma nova configuração para a Didática (CANDAU, 2002, p. 14).

Em decorrência dessa trajetória histórica da Didática no Brasil e da tentativa dos teóricos em discutir sobre o seu caráter fundamental em detrimento do caráter instrumental, torna-se relevante afirmar que sua identidade primária se constituiu como instrumental conforme afirma Soares (1986, apud DAMIS, 1988):

Se pensar na história da Didática, concluir-se-á que negar o seu conteúdo instrumental, normativo e pretensamente neutro e, de certa forma negar a própria disciplina, de prescrição. [...] outra coisa não tem sido senão um conjunto de normas, recursos e procedimentos que devem (deveriam?) informar e orientar a atuação dos professores (SOARES, 1986, apud DAMIS, 1988, p. 28).

Quando se observar o contexto histórico da Educação e da Didática verifica-se uma constante evolução conforme demonstra Damis (1988):

Desde os jesuítas, passando por Comênio, Rosseau, Herbart, Dewey, Snyders, Paulo Freire, Saviani, dentre outros, a educação escolar percorreu um longo caminho do ponto de vista de sua teoria e sua prática. Vivenciada através de uma prática social específica – a pedagógica -, esta educação organizou o processo de ensinar-aprender através da relação professor aluno e sistematizou um conteúdo e uma forma de ensinar (transmitir- assimilar) o saber erudito produzido pela humanidade. Este conteúdo e esta forma geraram diferentes teorias e diferentes práticas pedagógicas que, ao enfatizarem ora quem ensina, ora quem aprende, ora os meios e os recursos utilizados, sintetizaram diferentes momentos da produção da sobrevivência humana (DAMIS, 1988, p. 13).

Para Damis, (1988) a produção que possibilita a sobrevivência humana se concretiza por meio da relação social determinada pelas instituições sociais. Essas instituições, tais como a escola, a igreja, a família, dentre outras, possuem funções específicas que contribuem para o estabelecimento, desenvolvimento e sustentação de uma sociedade. A educação é, portanto, uma instituição que tem contribuído para os processos formadores da sociedade "desde o início da história da humanidade, os indivíduos e grupos travavam relações recíprocas diante da necessidade de trabalharem conjuntamente para garantir sua sobrevivência" (LIBÂNEO, 1994, p.21). Ocorre que a escola, institucionalizada para atender uma necessidade de se organizar e transmitir o saber que a humanidade sistematizou ao longo de sua existência, ficou temporariamente impossibilitada de ampliar esse direito pelo fato de que na sociedade antiga e medieval "a escola como instituição pública de responsabilidade do Estado praticamente não existiu" (DAMIS, 1988, p. 14). Nesse sentido, a Educação como finalidade social era uma prática praticamente inexistente e "o pouco de educação escolar que existia aliado ao incipiente desenvolvimento científico e tecnológico do momento, dificultava a comunicação, veiculação e expansão de novas ideias e concepções produzidas" (DAMIS, 1988, p. 14). Diante desse contexto, nessa função e nessa lentidão até o século XVI, a educação sistemática tinha uma função reprodutivista. No Renascimento e a partir do modo de produção feudal foram desenvolvidas "condições e necessidades sociais para uma

mudança fundamental na história da existência humana: o advento do capitalismo” (DAMIS, 1988, p. 14). A partir desse advento a escola, que antes era privilégio e necessidade de determinada classe social, passou a ser institucionalizada como um direito de todos. Foi a partir do capitalismo, em que transformações da produção da sobrevivência da população ocorreram de forma mais intensa, é que a democratização do ensino tornou-se uma bandeira levantada como responsabilidade do Estado de acordo com Damis (1988) que afirma:

É agora defendida a escolarização para todos, pois a burguesia necessitava de desenvolver um novo homem que pudesse contribuir para transformar, através do trabalho, as antigas relações sociais predominantes. A educação escolarizada deveria agora ser um direito de todos uma vez que o triunfo do capitalismo pressupunha, também, o desenvolvimento de certo nível intelectual de compreensão de mundo (DAMIS, 1988, p. 16)

De acordo com Damis (1988), a educação sempre esteve a serviço da produção da sobrevivência humana. Os contextos foram e são formados conforme as necessidades de desenvolvimento e das ações humanas para essa transformação. No caso específico da Didática, que é uma disciplina pedagógica fundamentalmente criada para elaborar um método universal que possibilitasse ensinar tudo a todos, sua contribuição não está no fato da análise dos seus conteúdos técnicos e sim na sua relação com a prática social e a necessidade de cada momento histórico. Essa teoria é reforçada por Libâneo, (1994, p.21) que ressalta as influências educacionais e didáticas como fatores fundamentais das desigualdades entre os homens, sendo o contexto sócio-histórico da comunidade um traço fundamental no desenvolvimento dos atos coletivos que contribui na politização da prática educativa.

4- A NOVA ESCOLA: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

O século XXI sopra sobre a educação uma certeza implacável: nada nunca mais será como era antes. O surgimento de **novas tecnologias** foi o balizador da mudança. Ela, longe de ser danosa, trouxe em si uma oportunidade. Com mais recursos e mais voz, o aluno tem hoje, na **Nova Escola**, o interesse instigado como nunca.

E não foi esse sempre o grande desafio das escolas? Fazer com que os estudantes se interessassem pelos conteúdos e aprendessem? A chance enfim se apresentou, e o maior desafio é não deixar ela passar.

A transição entre a **Antiga Escola** e a **Nova Escola** requer uma mudança de mentalidade. O mais importante para professores e gestores educacionais que ainda não completaram o percurso, é dar o primeiro passo.

Inclusão do aluno no processo de ensino e aprendizagem

Na contemporaneidade, o estudante não cabe mais no papel de mero “receptor de informações”. Na Nova Escola, ele tem vez e voz.

A transformação era previsível. Afinal, em uma realidade aonde a informação está em todo lugar, e não mais apenas nos livros da biblioteca, era impensável esperar

que o aluno continuasse aceitando se submeter a um papel passivo diante da construção do próprio aprendizado.

O desafio dos professores que vivenciaram uma outra época, em que o conhecimento não era tão acessível e que os estudantes chegavam em aula “sem bagagem”, é a adequação aos novos tempos.

Essa atitude começa com a perda do **medo da mudança**. Até porque, com ou sem medo, ela já aconteceu, e negá-la só deixaria o educador e a instituição de ensino à margem do mercado.

Após essa aceitação, é importante que haja um esforço gradual para incluir o aluno na construção do próprio saber, dando a ele **voz ativa em sala de aula**. O estudante, ao ter um espaço para o debate de ideias, passa a interessar-se cada vez mais pelas matérias, pois sabe que o conhecimento que trouxer vai agregar.

Isso favorece a criação de um círculo virtuoso, no qual o aluno tem oportunidade de expor a opinião dele sobre determinado conteúdo, isso é debatido, ele se informa mais sobre o assunto, traz mais ideias para debater e, com isso, vai se aprofundando cada vez mais na matéria, fixando o aprendizado.

Uso da tecnologia como aliada

Na Nova Escola, a tecnologia não é uma “pedra no caminho”, e sim uma aliada para que a experiência do aprendizado se torne cada vez mais rica e para que a instituição de ensino consiga estreitar o vínculo com os alunos.

Se bem aproveitada, ela pode servir para a elaboração de aulas inspiradoras com conteúdo multimídia; para a simulação de situações antes ensinadas apenas de forma teórica; para a construção de projetos colaborativos com outras culturas, proporcionando aos estudantes um intercâmbio virtual e a criação de um espírito de equipe entre povos; etc.

Além disso, o uso da tecnologia nas escolas é necessário para que os alunos possam ser preparados para um mercado de trabalho que valoriza cada vez menos conhecimentos manuais e usa recursos tecnológicos em praticamente todas as áreas.

O desafio para a escola é sair da zona de conforto e buscar a inserção de ferramentas digitais no dia a dia, melhorando assim a qualidade do ensino e se colocando em sintonia com a realidade que está fora das paredes da sala de aula.

E para essa transição do analógico para o virtual nas instituições de ensino, é importante que os professores e gestores busquem por informações, se capacitem e executem a mudança, mesmo que de forma gradual.

Busca pela sustentabilidade

Responsabilidade ambiental é uma competência cada vez mais valorizada, e certamente uma característica imprescindível da **Nova Escola**.

Há décadas se fala sobre desenvolvimento sustentável, mas contraditoriamente, as escolas ensinavam sobre isso ao mesmo tempo em que traziam para a sala de aula toneladas de papel que poderiam ser facilmente substituídas por alternativas digitais, poupando o meio ambiente.

Se antes o discurso podia andar desconectado da prática, na contemporaneidade isso não é mais aceitável. A Nova Escola preza pelo desenvolvimento sustentável, substituindo, sempre que possível, recursos nocivos ao ecossistema por opções mais responsáveis.

É uma mudança de atitudes, que impacta em rotinas às quais os profissionais de uma instituição de ensino já estavam acostumados. E é normal que o “novo” assuste em um primeiro momento, mas o medo não pode frear boas atitudes.

O desafio de gestores e corpo docente hoje é praticar o desapego, deixando para trás tudo que serviu bem a uma época, mas que não cabe mais na Nova Escola, com a consciência ambiental que temos hoje.

5- DIDÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Orientações didáticas

Educar e cuidar

Educar

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de Educação Infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores.

Cuidar

Contemplar o cuidado na esfera da instituição da Educação Infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC; SEF, 1998.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf

O papel do professor na Educação Infantil

O papel do professor é fundamental, pois o bom andamento das atividades de ensino depende diretamente da ação docente, de como se faz a mediação conhecimento/criança. Compreende-se como importante característica do profissional de Educação Infantil a busca constante por aprender sobre o desenvolvimento da criança, sua forma de ver e sentir o mundo, criando oportunidades para ela manifestar suas ideias, sua linguagem, seus sentimentos, sua criatividade, suas reações, suas relações sociais e sua imaginação.

Na ação pedagógica, deve-se compreender o ato de brincar como estratégia permanente da prática educativa e oferecer aos alunos um ambiente com espaços e materiais organizados que propiciem desafios e diferentes manifestações infantis, potencializando assim sua expressão por meio de diferentes linguagens, movimentos, imaginação, criatividade, emoções, socialização, autonomia, conhecimento de mundo, pensamentos e sentimentos.

Ter uma boa interação, estabelecer um trabalho conjunto com outros profissionais de modo integrado e relacionar o ato de educar e ensinar de maneira responsável, reconhecendo a criança como um ser inteiro, são características que o professor deve cultivar de maneira ética, respeitando os demais profissionais, os alunos e as famílias.

Importante também ser criativo e paciente nas relações, ter disponibilidade para brincar com os alunos, exercitar o olhar e a escuta infantil e reconhecer que a educação, especialmente nesta fase, é um ato de amor, de construção, de exploração de potencialidades, de busca e de descoberta.

O papel do professor é fundamental para a organização do espaço e do tempo necessários para a aprendizagem da criança.

Para que o conhecimento matemático se efetive na Educação Infantil, é necessário que, em toda situação apresentada em sala de aula, o professor faça comentários, formule perguntas, provoque desafios e incentive a verbalização e a representação escrita do aluno. Isso vai permitir que este faça descobertas, exponha e argumente ideias próprias, estabeleça relações, organize o pensamento e localize-se espacialmente.

A afetividade na Educação

Afetividade vem do verbo afetar e mostra como podemos influir positiva ou negativamente no desenvolvimento dos alunos por meio de nosso comportamento em sala de aula e de como ensinamos, ou seja, como lidamos com os conteúdos e como é nossa relação com os alunos.

Segundo especialistas, o desenvolvimento da autoestima por meio do exercício da afetividade é um grande tema transversal e eixo fundamental na proposta pedagógica de qualquer curso. Sabe-se hoje que aprendemos mais e melhor se o fazemos num clima de confiança, de incentivo, de apoio, em meio a relações cordiais e de acolhimento.

A afetividade dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados positivos. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades.

Por meio da educação, podemos ajudar a desenvolver o potencial de cada aluno, considerando suas possibilidades e limitações. Para isso, precisamos praticar a pedagogia da compreensão e do humanismo, e não a pedagogia da intolerância, da rigidez, do pensamento único, da desvalorização.

A pedagogia da inclusão não deve ser praticada somente com os alunos que estavam fora da escola ou simplesmente “recebê-los”, ela deve se constituir em uma verdadeira prática de acolhimento, por meio da qual incluimos os diferentes; os que nunca falam e os que falam demais; os muito quietos e os muito agitados; os mais rápidos e os mais lentos.

Por isso, é importante que alunos e professores desenvolvam autoconfiança, autoestima e respeito por si mesmos e pelos outros. Assim, será mais fácil aprender e comunicar-se com os demais. Sem autoestima, alunos e professores não estarão inteiros, plenos para interagir, e se verão como inimigos, quando deveriam ser parceiros.

A mediação do professor e sua importância no desenvolvimento dos alunos

O que é mediação?

Ser mediador é se posicionar literalmente entre o ensino e a aprendizagem, ou seja, é não dar respostas prontas, e sim estimular a busca de respostas promovendo a reflexão, mostrando os caminhos, compreendendo as dificuldades e o motivo de elas estarem ocorrendo. Dessa maneira, o professor-mediador estará colaborando para a construção da autonomia dos alunos - seja de pensamento seja de ação - ampliando a participação social e dinamizando o desenvolvimento mental deles, de forma a capacitá-los a exercer o papel de cidadão do mundo.

Resultados de uma mediação adequada

A mediação terá sucesso quando o professor:

- interagir com a criança, e não coagi-la;
- interagir com a criança procurando compreender seu mundo e o modo de ela vivenciá-lo; para isso, é preciso entender o universo dela e o processo que está em andamento;
- considerando o conhecimento de mundo que a criança traz, valorizá-la, estimulá-la e proporcionar-lhe outros conhecimentos e outras leituras;
- estimular a reflexão e a busca de respostas;
- usar o “erro” da criança para buscar o “acerto”;
- não ignorar nem desrespeitar as várias formas dialetais utilizadas pelos alunos. Ao contrário, num clima de respeito, desde a Educação Infantil, encorajar todas as crianças a falar, a escrever e a ler como sabem;
- dar voz à criança e orientá-la a respeitar a fala dos outros.

A brincadeira infantil: uma ação pedagógica

A brincadeira infantil representa o aprendizado. É uma ação privilegiada no desenvolvimento humano, principalmente na infância, pois é um meio para a elaboração e a reelaboração do conhecimento. Brincar é uma forma de ação cognitiva na qual a criança abstrai, interpreta e entende a realidade, pois simula essa realidade.

Os jogos promovem contextos ricos e desafiadores para o aluno explorar diferentes tipos de situações-problema. Por meio de situações lúdicas, a criança tem a oportunidade de se apropriar de novos conhecimentos, pois pode pensar, levantar hipóteses, confrontar estratégias, discutir, interagir com os colegas, com as situações e os objetos de conhecimento, comparando pontos de vistas diferentes e vivenciando verdadeiras e genuínas situações de comunicação.

O seu papel, nesse processo, é fundamental. Conhecer o jogo, criar e propor, com base nele, situações-problema desafiadoras é uma de suas tarefas, bem como observar as tentativas do aluno durante o jogo, apoiando-o quando surgirem as dificuldades e estimulando-o a desenvolver suas potencialidades. É preciso assegurar a cada participante do jogo o direito de pensar, expressar o pensamento, negociar as ideias e criar outras com base nas discussões realizadas, ou seja, ele deve ter o direito de viver intensamente o jogo de forma prazerosa e enriquecedora.

6- O CONSTRUTIVISMO

Muito se ouve falar sobre a aplicação do construtivismo na educação, e seus benefícios para o aprendizado e [desenvolvimento emocional](#) dos estudantes.

O construtivismo é um dos métodos mais difundidos no Brasil, no entanto, para que ele seja verdadeiramente aplicado é preciso que os gestores estejam alinhados com os princípios deste método para conseguir difundi-los com sucesso nas suas escolas. Neste artigo, oferecemos uma espécie de miniguia sobre o construtivismo, que você pode consultar sempre que achar necessário. Continue a leitura para saber mais:

O que é o construtivismo?

Teoria da aprendizagem desenvolvida pelo psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget, no início da década de 1920, o construtivismo considera que há uma construção do conhecimento e que, para que isso aconteça, a educação deve criar métodos que estimulem essa construção.

Essa metodologia entende que o aprendizado deve acontecer através do professor mediador e dos alunos, que não são apenas meros aprendizes, e sim, indivíduos com informações e conhecimentos que precisam ser levados em consideração no contexto escolar.

Quais são os princípios do construtivismo?

o aluno é o centro e o [protagonista do processo de aprendizagem](#);

o nível de amadurecimento de cada estudante é respeitado;

o ensino é visto como processo dinâmico, em que o aluno interage, e não estático, como acontece com frequência em métodos pedagógicos tradicionais;

o aprendizado é construído gradualmente, e cada novo conhecimento é aprendido a partir de conceitos anteriores.

o conhecimento não é visto como a única verdade possível ou como uma versão exata da realidade.

Como aplicar o construtivismo na educação?

É importante que o construtivismo seja aplicado por todos os professores da unidade escolar e que haja formação continuada garantindo que essa maneira de trabalhar a construção do conhecimento seja praticada em todas as turmas.. A escola que optar por essa linha de ensino precisa sistematizar o aprendizado de maneira que o aluno realmente entre em uma jornada intelectual de construção do conhecimento.

Colocando em termos práticos, no dia a dia da escola, para que a instituição adote o sistema construtivista, o estudante precisa ter um tutor que deve ser o professor. Esse profissional precisa conhecer o método, bem como, conhecer e respeitar os limites do progresso individual de cada aluno.

Qual o papel do professor no construtivismo?

Diferentemente dos métodos tradicionais, no construtivismo o professor não é apenas um transmissor unilateral de conhecimento. Ele tem o papel de ser um facilitador, um mediador e um orientador durante a aprendizagem, que é construída pelo aluno, ou seja, esse profissional precisa, dentro da especificidade de cada aluno, estimular para que ele seja o protagonista do seu conhecimento, aprender a aprender.

O professor tem a função de contextualizar o aluno em diferentes circunstâncias que promovem o conhecimento, que podem ser teóricas ou práticas. Quando está diante dessas situações, o estudante precisa encontrar soluções e, assim, ele constrói o conhecimento.

Na perspectiva construtivista, o professor também é responsável por incentivar os alunos a buscarem novos conceitos, novas maneiras de conhecer e de compreender o mundo ao seu redor e o que é apresentado em sala de aula.

Como você pôde perceber, empregar o construtivismo na educação é uma maneira de trazer o foco principal do ensino para uma aprendizagem interativa, que relaciona a interação do indivíduo com o meio. Os estudantes sentem-se estimulados a

aprender porque conseguem perceber conexões entre os conteúdos abordados em sala de aula e a vivência do dia a dia.

O Construtivismo e Jean Piaget

Construtivismo é uma teoria sobre a origem do conhecimento que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir o conhecimento. Tem como objeto de estudo da alfabetização a língua escrita (Nunes, 1990).



Piaget, o criador da teoria Construtivista, considera quatro fatores como essenciais para o desenvolvimento cognitivo da criança:

1. **Biológico:** relacionado ao crescimento orgânico e à maturação do sistema nervoso;
2. **De experiências e de exercícios:** é obtido na ação da criança sobre os objetos;
3. **De interações sociais:** se desenvolve por meio da linguagem e da educação;
4. **De equilíbrio das ações:** relacionado à adaptação ao meio e/ou às situações (Fossile, 2010).

Conhecimento/Aprendizagem

O Construtivismo afirma que o conhecimento é resultado da construção pessoal do aluno; o professor é um importante mediador do processo ensino-aprendizagem. A aprendizagem não pode ser entendida como resultado do desenvolvimento do aluno, mas sim como o próprio desenvolvimento do aluno (Fossile, 2010).



Piaget afirma que quando uma criança interage com o mundo à sua volta, ela atua (interna e externamente) e muda a realidade que vivencia. Para que isso ocorra, a criança deve ter um *esquema de ação*. É por meio do esquema de ação que a criança organiza e interpreta a ação, para que esta seja praticada. É uma estratégia de ação generalizável, de forma que a criança consiga se adaptar às mudanças ocorridas no seu meio. Conseqüentemente, surgem dois mecanismos necessários à elaboração de novos esquemas: assimilação e acomodação (Fossile, 2010).

Assimilação e acomodação: equilibração

Para o construtivismo, o ambiente social e o ambiente físico ocasionam oportunidades de interação entre sujeito e objeto, gerando conflitos e, conseqüentemente, uma reestruturação, pelo sujeito, de suas construções mentais anteriores. O equilíbrio/eqüilibrção surge quando o indivíduo organiza o conhecimento (Nunes, 1990).

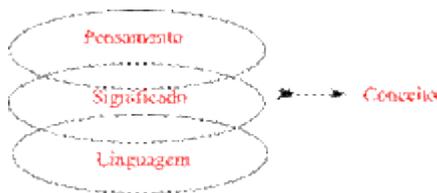
A assimilação ocorre quando novas experiências ou informações são introduzidas na estrutura cognitiva da criança, não havendo modificação em suas estruturas mentais. A acomodação acontece quando a criança modifica suas estruturas cognitivas para “enfrentar” o novo.

Quando ocorrem esses mecanismos, a criança encontra-se no estado de eqüilibrção.



Pensamento e Linguagem

Para Piaget, “a linguagem não é suficiente para explicar o pensamento, uma vez que este tem raízes na ação e nos mecanismos sensório-motores”. A origem do pensamento é anterior à linguagem (e independente dela) (Miranda e Senra, 2012; Magalhães). A linguagem é uma construção da inteligência (Magalhães) e tem origem no estágio sensório-motor, quando se inicia a função simbólica (Miranda e Senra, 2012).



As estruturas da linguagem não são ofertadas pelo meio ambiente, mas sim concebidas pelo nascimento e desenvolvidas no dia a dia. Piaget afirma que o desenvolvimento da linguagem é um processo de equilibração progressiva: “uma permanente passagem de um estágio de menor equilíbrio para outro” (Magalhães).

Piaget denomina a fala privada de “fala egocêntrica”, uma vez que a função simbólica não está desenvolvida inteiramente (Miranda e Senra, 2012).

O alfabetizador/professor

Para trabalharmos sob a visão do Construtivismo, primeiramente, devemos conhecer as concepções que uma criança tem da língua escrita. Logicamente, a compreensão da criança é diferente da compreensão dos adultos, sendo obrigação do educador entender esse processo. Ao mesmo tempo, o professor deve lembrar à criança as conquistas que ela fez antes de formular sua ideia “errada”, com o objetivo de estimular seu entendimento. Esse olhar do educador sobre tais acréscimos obtidos pela criança é de extrema importância e característica principal do Construtivismo. Os alfabetizadores devem compreender as produções da criança e saber respeitá-las, vendo-as como construções genuínas, indicadoras de progresso e não de erros. São os “erros” construtivos (Nunes, 1990).

O professor deve criar desafios para seus alunos em contextos que façam sentido para eles. Deve estimular a criticidade, a pesquisa, a discussão, o debate (Fossile, 2010).

O ambiente alfabetizador

O construtivismo defende que as crianças da Educação Infantil devem ter contato com a língua escrita. A professora, ao ler para a criança, proporciona que esta perceba a leitura em si e adquira interesse em escrever. Tanto a leitura quanto a escrita devem estar presentes no ambiente alfabetizador (Nunes, 1990).

Após essa descoberta, entendemos as ideias que a criança tem de escrita e leitura. Todos “os processos que ocasionam mudanças nas concepções infantis devem ser ligados aos conflitos gerados pela interação sujeito-objeto” (Nunes, 1990).

A sala de aula deve ser enriquecida com atividades que englobem discussão, reflexão e tomada de decisões; os alunos são os responsáveis pela defesa, pela justificativa e pelas ideias (Fossile, 2010).

Os estágios de desenvolvimento

Piaget divide o desenvolvimento cognitivo em quatro estágios:

1. *Sensório-motor*: ocorre entre 0 e 2 anos de idade. Tudo se dá pelas sensações e pelos movimentos da criança, o que coopera para que ela desenvolva seus primeiros esquemas de ação. Aparecem os reflexos básicos dos bebês, que mudam conforme a maturação do sistema nervoso e a interação com o meio. Ainda não estão envolvidas representações mentais e pensamentos.
2. *Pré-operatório*: entre 2 e 7 anos de idade. A criança começa a desenvolver sua capacidade simbólica, não dependendo exclusivamente de suas sensações e movimentos. Passa a distinguir o significante (imagem/palavra/símbolo) do significado (conceito). Exemplo: a criança, ao ver a mãe com uma bolsa, compreende que ela sairá de casa. Ainda não compreende a reversibilidade – compreende que $6 + 1 = 7$, mas não

compreende que $7 - 1 = 6$. Tem pensamento animista (dá vida aos seres inanimados), pensamentos egocêntricos (particulares da realidade), raciocínio transdutivo – raciocínio particular (banana verde causa dor de barriga, então abacate verde também causa dor de barriga).

3. *Operatório concreto*: entre 7 e 11 anos de idade. A criança começa a pensar de forma lógica; no entanto, ainda precisa do auxílio da realidade concreta. Consegue desenvolver o pensamento reversível. Sai o pensamento transdutivo e começa o pensamento indutivo – interioriza a ação ou a previsão do resultado que vai do particular para o geral. Abandona o pensamento egocêntrico e passa a pensar o mundo de forma sociável. Dessa forma, percebe que existem regras para todos e tenta compreender o pensamento dos outros, ao mesmo tempo que procura transmitir seu próprio pensamento.
4. *Operatório formal*: dos 11/12 anos em diante. Encontramos nessa fase um adolescente, que utiliza o raciocínio hipotético-dedutivo, elabora e testa suas hipóteses, alcança a abstração, entende que a linguagem é de importância extrema, pois com ela poderá formular hipóteses e realizar pesquisas (Fossile, 2010).

7- A PEDAGOGIA WALDORF

A Pedagogia Waldorf é uma abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. A pedagogia procura integrar de maneira holística o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos. O objetivo é desenvolver indivíduos livres, integrados, socialmente competentes e moralmente responsáveis. As escolas e professores possuem grande autonomia para determinar o currículo, metodologia e governança.

Existem atualmente mais de 1092 Escolas Waldorf no mundo e cerca de 1857 jardins de infância, localizados em mais de 64 países, sendo assim um dos maiores movimentos educacionais independentes do mundo.

Criada em 1919 em Estugarda, na Alemanha, tem como base o conceito de que o desenvolvimento de cada ser humano é diferente. Assim, o ensino deve levar em conta as diferentes características de cada indivíduo. Um mesmo assunto que se pretende ensinar é abordado várias vezes durante o ciclo escolar, mas nunca da mesma maneira, e sempre respeitando a capacidade de compreensão de cada um. Fundamentalmente, esta pedagogia tem, como objetivo, desenvolver a personalidade de forma equilibrada e integrada, estimulando o florescimento na criança e no jovem de: clareza do raciocínio; equilíbrio emocional; e iniciativa de ação.

O financiamento público de escolas Waldorf nos países anglófonos tem enfrentado barreiras por causa da rejeição a vacinas (en) entre os pais de alunos Waldorf e da natureza mística e antiquada de algumas teorias de Steiner. Diversas escolas Waldorf foram fechadas no Reino Unido por que as administrações falharam em aderir aos padrões de educação normalmente aceitos (por exemplo, níveis requeridos de alfabetização, padrões de segurança para o bem estar das crianças e os maus-tratos a crianças com necessidades especiais).

Descrição



Escola Waldorf em Tréveris, na Alemanha

Para atingir a formação do ser humano, ela pretende atuar no desenvolvimento físico, anímico e espiritual do aluno, incentivando o querer (agir) por meio da atividade corpórea das crianças em quase todas as aulas. O sentir é estimulado na constante abordagem artística e nas atividades artesaniais específicas para cada idade. O pensar é cultivado paulatinamente, desde a imaginação incentivada por meio de contos, lendas e mitos – no início da escolaridade –, até o pensar abstrato rigorosamente científico do ensino médio (colegial).

A pedagogia Waldorf incentiva e encoraja a criatividade, nutre a imaginação e conduz os alunos a um pensamento livre e autônomo. Uma das características marcantes da pedagogia Waldorf é o fato de não se exigir, do aluno, o cultivo precoce do pensamento abstrato. Almeja-se que as aulas sejam um preparo para a vida. Procura-se desenvolver as qualidades necessárias para que os jovens floresçam e saibam lidar com as constantes e velozes mudanças que se apresentam no mundo com criatividade, flexibilidade, responsabilidade e capacidade de questionamento. Entende-se que o jovem, cada vez mais, precisa ser articulado e capaz de se comunicar claramente, tanto se abrindo para o que os outros têm a dizer como encontrando a melhor forma para expressar seus pensamentos ao mundo. Para tanto, a pedagogia Waldorf, segundo seus adeptos, permanece revolucionária até os dias de hoje.

Análise de desempenho

A análise do desempenho de escolas Waldorf em comparação com outras escolas é considerada por muitos inconclusiva, devido à escassez de relatórios imparciais de

teor quantitativo e qualitativo. Isto ocorre devido ao fato de que o conceito de avaliação por notas ser considerado contrário aos ideais da escola Waldorf. Muitas escolas dão notas nos últimos anos para acostumarem os alunos a esse método de avaliação que encontrarão fora da pedagogia Waldorf.

Existem, entretanto, vários estudos quantitativos sobre o excelentes resultados das escolas Waldorf. Vale citar os artigos de Douglas Gerwin e David Mitchell, "Standing out without standing alone: profile of Waldorf School graduates", com várias tabelas e com estatísticas mostrando o excelente desempenho dos formandos em escolas Waldorf nos Estados Unidos. E o trabalho de Wanda Ribeiro e Juan Pablo com ex-alunos da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, no Brasil.

Escolas Waldorf do Brasil

No Brasil diversas as instituições oferecem ensino fundamental, ensino médio e jardim de infância usando a pedagogia Waldorf.

PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF

A Pedagogia Waldorf concebe o homem como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual e sobre esse princípio fundamenta toda a prática educativa.

A partir de uma visão antropológica, a Pedagogia Waldorf abrange todas as dimensões humanas, que estão em íntima relação com o mundo, explica e fundamenta o desenvolvimento dos seres humanos segundo princípios gerais evolutivos que compreendem etapas de sete anos, denominadas setênios.

Cada setênio apresenta momentos claramente diferenciáveis, nos quais surgem ou despertam interesses, perguntas latentes e necessidades concretas.

No primeiro setênio (zero a sete anos), a criança emprega todas as suas energias para o desenvolvimento de seu físico. Ela manifesta toda sua volição através de intensa atividade corporal.

Essa atividade, que desencadeia a formação do físico, metamorfoseia-se em maior ou menor capacidade de atuar com liberdade na vida adulta, no âmbito cultural-intelectual.

Nesta fase a criança tem uma grande abertura em relação ao mundo. Ela acolhe sem resistência anímica tudo o que lhe advém do ambiente em redor, entregando-se ao mundo com CONFIANÇA ilimitada. Vive num estado de ingenuidade paradisíaca, num mundo em que o bem e o mal se confundem indistintamente.

Na criança, todos os órgãos de percepção sensória estão abertos e, a partir de uma intensa atividade em seu interior, ela responde com a repetição dos estímulos vindos do ambiente exterior, a IMITAÇÃO. Essa imitação é a grande força que a criança de primeiro setênio tem disponível para a aprendizagem, inclusive a do falar, do fazer, do adequado ou impróprio no comportamento humano. E é por meio da imitação mais sutil que ela gera, ainda sem consciência, o fundamento da sua moralidade futura.

Nesse período a criança tem muitos amigos. Está aberta a novos contatos, porém as amizades ainda são bastante superficiais, não atingindo efetivamente o outro; são muito mais destinadas a trazer o outro para o seu próprio mundo e brincar.

Durante esse primeiro setênio, a relação mais importante com o mundo exterior transcorre de fora para dentro. Todavia, as experiências adquiridas ainda não são centralizadas no eu, ou seja, no centro de sua consciência.

A Pedagogia Waldorf transcende a mera transmissão de conhecimento e se converte em sustentação do desenvolvimento integral do educando, cuidando que tudo o que se faça tenha como meta a transformação de sua vontade e o cultivo de sua sensibilidade e intelecto. Desse modo, procura-se estabelecer uma relação harmônica entre desenvolvimento e aprendizagem, fazendo confluir a dinâmica interna da pessoa com a ação pedagógica direta, ou seja, integrando os processos de desenvolvimento individual com a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada.

A Pedagogia Waldorf dá especial atenção para que no ensino se encontrem entrecruzados pontos de vista científicos e estético-artísticos com os aspectos relativos ao respeito profundo e à admiração ante o mundo.

Aprofundando-se nos estudos antropológicos e ampliando-os, Rudolf Steiner compreendeu que os fundamentos para a realização dos ideais humanos de convivência moral-social baseados na liberdade com responsabilidade, fraternidade, respeito mútuo, consciência plena de igualdade de direitos e deveres, desenvolvem-se na criança e no jovem através do cultivo da admiração e da veneração, os quais só podem se dar através de uma religiosidade livre e verdadeira. Respeitando todas as religiões, foi no cristianismo que Rudolf Steiner encontrou caminho para essa religiosidade. Assim, as Escolas Waldorf têm sua pedagogia permeada por valores cristãos livres de qualquer instituição confessional.

Princípios pedagógicos para a Educação Infantil Waldorf

“Educar para o futuro” significa encarar, a partir da própria organização escolar, os principais desafios que a atualidade nos propõe.

A seguir se explica como a Escola Waldorf busca respostas às problemáticas fundamentais da sociedade atual, com base nos conhecimentos antroposóficos, desde a Educação Infantil.

Na Pedagogia Waldorf, é dada uma importância fundamental à educação no primeiro setênio por se tratar da fase da vida na qual é desenvolvida a organização do corpo físico, o veículo que o indivíduo irá usar como meio e instrumento para a concretização de sua missão na Terra. A educação visa proporcionar um corpo sã para uma mente sã.

Fatos importantes para o desenvolvimento da organização do corpo físico é o meio ambiente de onde vêm os estímulos para a formação dos órgãos sensoriais e o ambiente anímico-espiritual (psicológico) que influenciará mais a formação dos órgãos internos. A saúde do indivíduo para toda sua vida depende, em grande parte, das pré-disposições implantadas nessa fase, em que todas as forças vitais estão empenhadas na formação do organismo corpóreo.

Até aproximadamente os três anos de idade, o cérebro, centro nervoso, está em franco desenvolvimento, cheio de vitalidade, sendo moldado conforme os estímulos vindos do ambiente e pelas experiências corporais que fazem uso da motricidade. As experiências vividas inicialmente em nível corpóreo ficarão gravadas no cérebro e poderão ser usadas posteriormente como base para o pensar. A criança que pôde

desenvolver corretamente sua habilidade corpórea natural tem uma boa pré-disposição para um pensar vivo e ativo, posteriormente.

Durante seu desenvolvimento, nos três primeiros anos de vida, quando por meio de um grande empenho, a criança conquista o andar ereto, o falar e inicia o processo de pensar, é a fase do aprendizado mais importante da vida. Trata-se das três capacidades intrínsecas do homem que o distinguem do animal. O acompanhamento correto desse processo é a base para a elaboração educacional para berçários e maternais. Quanto menos interferências houver nesses processos, acelerando-os ou deixando de criar condições propícias, tanto melhor para a criança.

Outro momento importante entre os dois ou três anos de idade, é quando a criança diz “eu” para si. Antes ela se sentia uma com o mundo, não se distinguia dele; agora, ela se vivencia separada dele, deparando-se inclusive com o “tu” e com as outras pessoas. Antes era egocêntrica, egoísta por natureza; agora, ela vai despertando para o convívio social. A teimosia típica dessa idade deve ser compreendida como uma medição de forças para o conhecimento das capacidades do eu próprio.

A maturidade da criança para ingressar no jardim da infância, onde vai ter que aprender a conviver socialmente, mostra-se à medida que ela sabe lidar com o “tu”, em torno dos três a quatro anos de idade. Também é o momento em que as primeiras características do pensar se ampliam, mostrando uma grande mobilidade de pensamentos que podem se unir arbitrariamente, nem sempre fieis à realidade exterior: chama-se fantasia infantil. Muda todo o mundo de brincar da criança, que é influenciado intensamente pela imitação e pela fantasia. No ambiente corpóreo se apresenta uma crescente capacidade no uso dos braços e das mãos como também um domínio no uso da respiração.

Ao redor dos cinco anos de idade, ocorre uma nova mudança de comportamento da criança. As brincadeiras se tornam mais ordenadas, numa imitação fiel da realidade vivida pela criança. As perguntas muitas vezes têm um cunho “filosófico” e também aparece a capacidade de compreender o ontem, o hoje e o amanhã, significando um novo passo no despertar do pensamento.

No âmbito corpóreo, as crianças de cinco e seis anos mostram maior habilidade no uso de pernas e pés. As habilidades corpóreas vão se desenvolvendo da cabeça aos pés, repetindo o processo formativo do feto e o processo do nascimento. No final do primeiro setênio, a criança já deve ter colocado seus pés firmemente no chão, quando ela encarnou na sua própria corporalidade e agora está pronta para o aprendizado no Ensino Fundamental.

Como a criança de primeiro setênio ainda não desenvolveu, por natureza, sua capacidade de raciocínio, o educador não pode apelar para uma compreensão. Ele terá que apelar a um elemento nato, ou seja, a imitação. A criança aprende a se adequar aos apelos do mundo por meio da imitação das pessoas e das ocorrências do seu redor. O educador é um exemplo que deve ser digno de ser imitado. Ele faz parte do meio ambiente formador da criança. Na educação infantil, o educador deve apelar para a imitação e para a fantasia, ajudando a criança de primeiro setênio a adaptar-se à realidade do mundo.

No jardim de infância são agrupadas crianças de quatro a seis anos, porque o ambiente e as atividades desenvolvidas atendem a todas as idades, uma vez que a proposta da pedagogia Waldorf para o primeiro setênio é criar um ambiente propício para a formação, e não uma pré-escola com informações ou ensino formal. O jardim de infância, como o maternal, é o prolongamento do lar e não uma “ante-sala” do ensino escolar. Assim como numa família onde irmãos de idades diferentes educam-se mutuamente, também as crianças de jardim de infância, em grupos de idades mistas, têm essa mesma oportunidade.

No primeiro setênio, o desenvolvimento está centrado principalmente na organização corpórea e sendo influenciado intensamente pelos estímulos do ambiente no qual a criança vive, a atenção que o educador deve dar à formação dos órgãos sensoriais é indiscutível. São os sentidos que trazem as mensagens do próprio corpo e ajudam a criança a fazer uso dessa corporalidade para ir se adaptando ao mundo. O educador Waldorf dá muita importância à qualidade dos fenômenos e objetos que justamente vão influenciar a formação e o funcionamento dos órgãos dos sentidos.

Outro aspecto fundamental é o ritmo.

Todo processo vivo de aprendizagem deverá necessariamente respeitar e fomentar um ritmo adequado. A pedagogia Waldorf considera fundamental a alternância sadia e equilibrada entre concentração e expansão, entre atividade intelectual e prática, entre esforço e descanso, entre recordação e esquecimento. Assim se planeja o mais cuidadosamente possível, a partir desse ponto de vista, tanto na prática educativa anual, mensal, semanal e diária, como também cada uma das horas de aula, a fim de conseguir o ritmo adequado às fases de compreensão, assimilação e produção da aprendizagem.

Isso requer estruturas flexíveis e móveis que integrem tempos, durações e ritmos multiformes, ou seja, um novo significado do tempo. Em educação, isso exige uma organização dinâmica que se adapte aos conteúdos, às práticas pedagógicas e ao aluno.

Ligadas ao ritmo, são comemoradas as festas do ano.

A criança vivencia o ciclo anual de uma forma direta, pois o perfaz com todo seu ser, como se fizesse parte da natureza. Neste contexto, as festas anuais podem ser compreendidas mais conscientemente, cada uma de acordo com as suas características.

Nas escolas Waldorf, as festas do ano seguem o calendário cristão. Delas são extraídos os verdadeiros conteúdos e transformados para as crianças em imagens retiradas da natureza.

Também é comemorado o aniversário de cada criança, e neste dia, além da festa, todo o ritmo é voltado para esse evento.

No ritmo de cada dia, o brincar ocupa um lugar de extrema importância.

O valor do brincar para o desenvolvimento sadio da criança é cientificamente comprovado e é a preocupação de muitos educadores. Na pedagogia Waldorf ele tem valor preponderante, principalmente na educação da criança de primeiro setênio. O brincar livre, não dirigido ou proposto, é visto como o maior e o melhor estimulador para um desenvolvimento que esteja de acordo com a maturidade etária e as capacidades individuais de cada criança. O impulso natural interior da criança para aprender a se tornar humana, para adaptar-se e se adequar ao ambiente, encontra evasão no brincar livre. Ela procura a atividade lúdica que melhor

corresponde às suas necessidades evolutivas momentâneas, seguindo inconscientemente e instintivamente os estímulos provenientes de uma sabedoria corpórea. Faz parte da natureza da criança querer sempre se superar, tornando-se cada vez mais capaz no domínio de sua própria corporalidade e na interação com o mundo.

Os educadores têm a tarefa de criar o ambiente e as condições para o processo auto-educativo da criança no brincar livre. Sua primeira preocupação é criar um ambiente propício para o desenvolvimento dos órgãos dos sentidos, que irão se formar de acordo com as qualidades dos estímulos. Não é o excesso de estímulos que irá proporcionar uma organização sensória capaz de perceber as sutilezas do mundo, justamente aquelas que mais enriquecem a vida interior. O excesso de impressões e estímulos não permite que a criança tenha tempo para se ligar ao percebido; ela irá desenvolver o hábito para a superficialidade e terá dificuldades para a concentração. Cada objeto em sala de aula deve ter seu valor para que as crianças possam criar vínculo com os mesmos. Estas são qualidades importantes a serem desenvolvidas em nossa época em que quase tudo é descartável e, portanto, desprezível. Os objetos e os brinquedos devem ser de materiais naturais, duradouros e bonitos esteticamente, já que irão influenciar a formação dos órgãos dos sentidos e, indiretamente, despertar o amor e o respeito pela natureza.

Os objetos com os quais as crianças brincam não devem ter um acabamento pormenorizado, réplicas fiéis dos objetos usados pelos adultos. Eles devem despertar a fantasia infantil que lhes dará o “acabamento personalizado”, de acordo com as necessidades solicitadas pela imaginação.

Além dos brinquedos estruturados usuais como bonecas de pano, carros de madeira, etc, dá-se muita importância, na Pedagogia Waldorf, ao oferecimento de objetos rústicos naturais, tais como a natureza oferece, como pinhas, sementes de vários tamanhos, tocos de madeira de vários tamanhos e formas, conchas, pedras, raízes e tudo que possa estimular a fantasia da criança, que logo encontrará uma “utilidade” para eles. Também são oferecidos instrumentos musicais bem afinados e de percussão como metalofone, xilofone, triângulos, sinos, etc.

Dentre as atividades desenvolvidas no jardim de infância Waldorf, cabe destacar alguns pontos que demonstram, na prática, a proposta pedagógica em foco.

O tema utilizado nas rodas rítmicas (cirandas e dramatizações) é inspirado na natureza, na vida. A professora vai pesquisar os movimentos que expressam coerentemente cada imagem, cada ação que ela quer trazer às crianças.

Com relação ao desenho, devemos lembrar que a criança do primeiro setênio não deve aprender a desenhar de forma dirigida. Devemos incentivar o desenho livre como uma atividade diária, sendo que o lápis ideal para ser usado é o lápis de cera ou outros que tenham a superfície corante bem larga.

O mesmo se dá no que diz respeito à música, pois cabe aos educadores discernir que características a música levada à criança deve ter, pois essa música deve ir de encontro ao estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.

E assim, nas demais atividades propostas, também procura-se atender as reais necessidades físicas, psíquicas e espirituais de cada criança, proporcionando um ambiente adequado ao grupo como um todo e a cada uma em sua individualidade.

Na pedagogia Waldorf não se pretende contribuir para a aceleração do desenvolvimento da criança. Temos hoje na sociedade, de modo geral, a tendência a estimular o aprendizado causando uma precocidade infantil.

Uma das questões fundamentais da educação é como lidar com essa aceleração do desenvolvimento da criança. Será que, de fato, a solução consiste na antecipação dos conteúdos de ensino? Ou as crianças estão esperando outra solução para suas necessidades? Na pedagogia Waldorf não se vê a aceleração ou a antecipação como solução. A solução está na real compreensão fisiológica e psicológica do desenvolvimento da criança, e a partir dessa compreensão profunda, criar um ambiente de situações propícias para o aprendizado das crianças de uma determinada faixa etária. A aceleração e o adiantamento do ensino formal, já no primeiro setênio, não permitem o amadurecimento das vivências e experiências. Esse procedimento favorece o acúmulo de informações e ajuda a criar o hábito da superficialidade, ao exigir sempre mais novidades, mas sem o aprofundamento de nenhuma.

A criança passa por fases de desenvolvimento e cada uma delas é um passo no despertar da consciência.

Na pedagogia Waldorf, procura-se propiciar que a criança experimente amplamente as possibilidades que seu processo de amadurecimento lhe proporciona. A criança deve usufruir com muita alegria a repetição de cada nova conquista no seu caminho de adaptação e conhecimento do mundo. Entende-se que a qualidade sempre tem mais valor do que a quantidade.

Cabe ao educador Waldorf, que deve buscar uma profunda compreensão antropológica e pedagógica do processo evolutivo do ser humano, criar o ambiente que atenda às necessidades da criança.

Na pedagogia Waldorf, o papel do educador infantil é visto como de extrema importância e até mesmo decisivo para toda a vida do indivíduo. A primeira fase da vida é o fundamento, o primeiro degrau sobre o qual se edifica todo o desenvolvimento futuro. Isto requer uma ampla formação do educador infantil em todos os âmbitos.

Como a educação da criança do primeiro setênio apela essencialmente para a imitação, o educador, como exemplo, deve ter a capacidade para uma autêntica auto-crítica e força de vontade para a auto-educação.

O educador tem de ter uma boa capacidade de observação tanto para observar o processo evolutivo das crianças, como também para observar as manifestações da natureza. Sua função é justamente a de ajudar as crianças a se familiarizarem e se adaptarem às condições da vida na Terra, e ajudá-las a conhecer o mundo no qual irão atuar futuramente. Com a incapacidade da criança de compreender racionalmente os fenômenos do mundo, o educador terá que usar a linguagem compreendida nessa faixa etária: a linguagem dos gestos, dos movimentos vivenciados na natureza. A linguagem falada ou cantada é mais um acompanhamento dos gestos que caracterizam a natureza, e proporciona maior vivência e aprendizado da própria língua, do vocabulário e a imitação correta dos fonemas. O educador deve ter uma voz agradável para falar e afinada para cantar. Também é importante ter uma dicção clara e bem formulada para o contato constante com as crianças e para contar-lhes histórias e contos de fadas.

O educador deve ter bom senso rítmico e conhecer a atuação dos ritmos falados, cantados e musicais sobre a índole da criança.

Apesar de as crianças de jardim e infância não fazerem tantos trabalhos manuais dirigidos, é importante que o educador seja habilidoso manual e corporeamente para todos os afazeres do dia a dia em sala de aula, pois estes serão imitados pelas crianças em seu brincar livre.

Dentre esses afazeres, consta o preparo do lanche de cada dia, que é feito pela professora na presença das crianças e com a colaboração das mais velhas e/ou interessadas em participar deste momento que, na Pedagogia Waldorf, é visto como uma importante atividade.

Procura-se sempre preparar e oferecer alimentos naturais, selecionados de acordo com orientações antroposóficas a respeito da alimentação das crianças. Produtos como frutas, legumes, cereais integrais, mel (evita-se o uso do açúcar branco) entre outros fazem parte do cardápio, que também tem um ritmo que se repete a cada semana. Neste aspecto o educador deveria refletir e, se preciso for, rever sua própria alimentação, pois a criança assimila mais e melhor aquilo que sente ser verdadeiro na vida da professora.

Um bom educador estará sempre preocupado com sua auto-educação. O verdadeiro interesse e preocupação do adulto em melhor conhecer e servir cada criança, fará com que desenvolva a capacidade interior de tecer um elo de investigação invisível com cada criança do seu grupo.

Também faz parte da auto-educação o constante estudo de aprofundamento das bases da Pedagogia Waldorf, assim como na Antroposofia, filosofia que a norteia. Além do estudo individual, o educador procura participar de grupos de estudos, encontros regionais de jardineiras (assim são chamadas as professoras do jardim de infância Waldorf) e congressos específicos que tratam da faixa etária em questão, tanto no Brasil como no exterior.

Os educadores devem trabalhar em conjunto com as famílias, pois as escolas Waldorf têm como meta básica fazer com que os pais acompanhem de perto o desenvolvimento de seus filhos. Escola e família trabalham conscientemente para a formação harmoniosa das crianças. Para isso, desde o momento da matrícula, a escola deverá deixar bem claro aos pais qual é a proposta pedagógica. Os pais, então, de posse desse material, poderão refletir e tomar uma decisão consciente

sobre a futura educação de seus filhos, participando assim, ativamente, desse processo.

Pais serão chamados para conversas particulares sobre o andamento de seus filhos na escola e, ainda em respeito ao espírito de convivência entre a escola e a família, os professores deverão, pelo menos uma vez por ano, visitar seus alunos em suas casas.

A escola promoverá também passeios visando o entrosamento e a convivência social harmônica.

Festas escolares, normalmente relacionadas às épocas do ano, devem ser prestigiadas pelos pais, assim como o evento do Bazar.

O Bazar é fruto da organização e trabalho efetivo realizado, ao longo do ano, pelas famílias. Trabalhos de marcenaria, confecção de brinquedos, encadernação de livros, artesanato e pintura são executados pelos pais e expostos para toda a comunidade, revelando às nossas crianças a grande potencialidade humana.

Grupos de estudos sobre a Pedagogia Waldorf e desenvolvimento infantil serão oferecidos aos pais para que escola e família caminhem juntas no processo de educação da criança.

A pedagogia Waldorf estuda cada criança, individualmente, buscando suprir suas necessidades. Trabalha com o grupo de classe, fornecendo o alimento anímico à sua etapa de desenvolvimento e ainda orienta os pais para que participem ativamente do desenvolvimento e formação de seus filhos, construindo uma comunidade viva, forte e muito mais feliz.

REFERÊNCIAS

https://pt.wikiversity.org/wiki/Ambientes_Virtuais_de_Aprendizagem/Conceitos_pedagogicos>acesso em 08/04/2020

<https://sites.google.com/site/albertobarrossousa/politica-da-educacao/clarificacao-dos-conceitos-pedagogicos>>acesso em 08/04/2020

<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/origem-evolucao-didactica/origem-evolucao-didactica2.shtml>>acesso em 08/04/2020

<https://portal.estacio.br/media/4447/artigo-02-humberto-corr%C3%AAa-dos-santos>>acesso em 08/04/2020

<https://www.clipescola.com/a-nova-escola/>>acesso em 08/04/2020

http://www.editoradobrasil.com.br/educacaoinfantil/educacao_infantil/orientacoes_didaticas.aspx>acesso em 08/04/2020

<https://escoladainteligencia.com.br/entenda-o-conceito-de-construtivismo-na-educacao/>>acesso em 08/04/2020

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/12/o-construtivismo-e-jean-piaget>>acesso em 08/04/2020

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia_Waldorf>acesso em 08/04/2020

<http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/369-principios-pedagogia-waldorf>>acesso em 08/04/2020

